



ENTREVISTA IMPRESSA NA MÍDIA A IMAGEM QUE SE QUER, QUE SE  
CONSTRÓI, QUE SE LÊ  
(A PRINTED INTERVIEW: THE IMAGE THAT WE WANT, BUILD, AND READ)

Sigrid GAVAZZI (Universidade Federal Fluminense)

**ABSTRACT:** Textual-writing comparison between oral/ recorded interview and its correspondent writing/ published. Verification of the three main strategies applied in order to outline the profile of the interviewee and the interviewer/ mediatory agency (based on non-similarity/ imperfection between both documents): the “silence”, the “small repair” and the effective publishing.

**KEYWORDS:** re-textualization; profile; mediatory agency

## 0. Introdução

Entrevistas impressas, na mídia, constituem normalmente retextualizações<sup>1</sup> de material oral, gravado. Cotejando, então, os textos falado e escrito (editado), verificamos haver, entre eles, divergências de ordem textual-discursiva. Em seu conjunto, tais imprecisões edificariam uma identidade/ face tanto para a figura (pública) enfocada como para o órgão mediático que a divulga. Detectar tais imprecisões, categorizando-as, constitui, pois, o escopo de nosso trabalho.

## 1. Fundamentação teórico-metodológica

Partimos da transcrição do diálogo assimétrico oral que nos foi fornecido pelo órgão de imprensa (doravante OI). A seguir, comparamos as estruturas tópicas<sup>2</sup> arroladas nos dois documentos. Verificamos, então, como a retextualização da massa informacional primeira sofria modificações de diversas ordens — os caminhos entre o falado e o escrito, absolutamente, não se mostram tão lineares, gerando, entre outros pontos, conteúdo impreciso, em relação ao original.

Utilizamos como *corpus* os diálogos assimétricos gravados e editados (em encarte especial, anexado às edições de Domingo) da responsabilidade de periódico tradicional e de grande circulação no Rio de Janeiro.

Tais entrevistas apresentam dois políticos, atuantes na esfera federal. O primeiro, que assume a posição de entrevistador (doravante Locutor 1, L1) filia-se a partido político “de esquerda”. O segundo, entrevistado (Locutor 2, doravante L2), possui conhecida representatividade em partido de “extrema-direita”.

Ora, o jornal, responsável pelos documentos, possui, como público-leitor, classes sociais financeira e culturalmente favorecidas. Sua postura editorial-ideológica

<sup>1</sup> Baseamo-nos em Marcuschi, cópia mimeo, versão 1995, a quem agradecemos a cessão do trabalho.

<sup>2</sup> Entenda-se “tópico” na acepção de Gavazzi (1995).



configura alinhamento (Gumperz, 1982) com o ideário de “centro-esquerda”. Daí, deve produzir, seguindo o contrato mediático (Charaudeau, 1996), informes que espelhem o desejado por seus consumidores.

Portanto, a mediação entre o jornal (EU emissor, entrevistador e editor) e seu público (TU destinatário, leitor atual e leitores virtuais) se confirmará caso o periódico ratifique a imagem pré-existente, para seus leitores, do político irracional, negado e (re)negado. Para tal, precisará firmar a “arquitetura” dessa imagem (Goffmann, 1974) de forma totalmente negativa. E, em nossas especulações, o tratamento impreciso dos dados constitui atalho discursivo de relevante produtividade para edificações de personalidade(s).<sup>3</sup>

Cumpra ressaltar, entretanto, que nosso trabalho não discute o problema da intencionalidade do editor como procedimento censurável. Ao contrário, cremos que se deva ressaltar o relacionamento texto/ contexto, na linha editorial preconizada pelo periódico — e, em qualquer documento, em qualquer OI, não importa com que facção ideológico-política se identifique, certos “ajustes”, em nome da clareza, objetividade e concisão, (Sampaio, 1971) são considerados absolutamente rotineiros.<sup>4</sup>

## 2. As estratégias para a construção/ destruição da face

Tomando por filtro analítico as dessemelhanças entre os textos oral e escrito, detectamos três mecanismos básicos que arquitetariam a imagem do político em foco, valorando-a negativamente. Por contrapartida, esboça-se a imagem oposta, por contraste, do entrevistador, na situação textual-discursiva de “opositor”, alter-ego do editor e do jornal. Os mecanismos são sintetizados a seguir.

### A - O “necessário” silêncio

Verifica-se, neste artifício, a omissão total ou parcial de informação prestada por L2.

Um exemplo merecedor de omissão total é o tópico “pena de morte”, rechaçado pela camada mais esclarecida da população — logo, seria interessante confirmá-lo editorialmente, despertando, assim, antipatia pelo “político de direita”. No entanto, L2 discorre sobre o tópico utilizando dois exemplos: na primeira fala, evocando o fato (conhecido) de índio queimado vivo em Brasília e, na segunda, “chamando” o leitor para o contexto social, utilizando situações que se inserem na vida pessoal/familiar de todos. Vejam-se as elocuições:

<sup>3</sup> As faces trabalhadas em nosso Projeto de pesquisa, advindas de diversas entrevistas publicadas em jornais ou revistas, apresentam-se ameaçadas ou positivadas, dependendo do objetivo do órgão mediático, no momento da publicação.

<sup>4</sup> Mantemos, inclusive, em sigilo, os nomes do OI e dos interlocutores da interação sob nosso crivo, em respeito ao trabalho da imprensa como um todo e por entendermos que o preparo cuidadoso dos originais consubstancia ideais hodiernos da comunicação de massa (Sodré, 1977).



a) "... esses garotões maiores de idade", bando de "filhinhos de papais ricos" que fizeram aquela barbaridade premeditada... no meu entender pena de morte, no meu entender com fogo mesmo... da mesma maneira que mataram o índio..."

b) "... quando eu falo assim tem que ser tratado dessa maneira porque na hora de estuprar um garoto de cinco anos de idade... na hora de seqüestrar... na hora de roubar uma bicicleta e dar quatro tiros no peito de um garoto de quinze anos, eles não estão agindo como seres humanos... e o garoto, o filho, poderia ser seu, não ?

A omissão parcial, por sua vez, normalmente vem acompanhada de alguma transformação no/ do discurso restante (publicado). No entanto, é a própria omissão de uma parte do enunciado — seja uma sentença ou um conjunto de falas — que imprime o falseamento informacional. No caso da atitude de policiais que, em uma "blitz" foram atacados por traficantes em morro carioca, omite-se a restrição feita por L2 (somente nessas ocasiões = os traficantes atiraram e mataram policiais, em primeiro lugar), alterando-se a informação prestada por L2.

(falado) "... somente nessas oportunidades... aí eles (=os policiais) tem que agir com rigor... e rigor, nesses casos, é matar... se preciso for tem que atirar e atirar pra matar..." (o grifo é nosso)

(publicado) "... a polícia cumpriu seu papel... chegou atirando porque precisava, é o papel dela"

Configura a estratégia mais utilizada na retextualização e provoca o maior número de casos de imprecisão.<sup>5</sup>

### **B - O "pequeno" reparo**

No trabalho de edição, é comum, também alterarem-se os informes, inclusive com a inserção de juízos de valor ou comentários não realizados mas que são atribuídos a L2.

Dois exemplos merecem ser comentados.

No primeiro, o entrevistado defende a laqueadura gratuita para a população pobre — argumento defendido por linha ideológica diversa da sua, mas similar a do jornal. Logo, resolve-se a questão adicionando-se um pequeno enunciado — que modifica em muito o âmbito geral do tópico. Observe-se :

(falado) "... então agora a população pobre sabe perfeitamente como conter os filhos... só não tem meios... falta é a laqueadura... a mulher pobre também tem direito a ligar as trompas..."

(publicado) "... o pobre, quando vai ao hospital, quer fazer a laqueadura... o Estado não dá meios para isso... então eles ficam cada vez mais parindo e gerando miséria..."

### **C - A "efetiva" publicação**

---

<sup>5</sup> Em conversa com o editor do periódico, foi-nos afiançado que "... aproveitamos uma média de 40%. O que resta não interessa". A informação se confirma quantitativamente: 60% da massa informacional é mesmo desprezada. Ressalta-se, ainda, o uso do termo "interessar" — há clara referência ao que cativa o público-leitor.



Nesse caso, realmente editam-se os informes na íntegra. Tipifica-se em dois moldes. No primeiro, simula-se uma conversação “quase” espontânea, porém, na verdade, L2 é “metralhado” com perguntas rápidas e contundentes por parte de L1 — um verdadeiro “pingue-pongue” em que o entrevistador, evidentemente, sai vencedor.

(L1) — Concorda que preso não deixa de ser cidadão ?

(L2) — Pra mim, deixa. Não é cidadão.

(L1) — Como, não é cidadão ?

(L2) — Não é. E não pode votar.

(L1) — Mas preso não perdeu o direito político! É como impor várias penas para um crime que ele cometeu !

(L2) — Penas? A penitenciária inteira, com certeza, ia eleger um criminoso, recém-saído da cadeia, para representá-la.

O segundo enquadre, até pela utilização de recursos visuais, afigura-se de alta relevância para o texto. Consubstancia-se nas declarações “politicamente incorretas” do entrevistado, cotejadas com as (também editadas) assertivas “politicamente corretas” de L1. Tais chamadas aparecem na matéria em fonte maior, diagramadas em destaque, negritadas e abaixo dos respectivos retratos - com um L1 sério e respeitoso e L2 em desalinho, tenso e ansioso. O espaço externo (Charaudeau: 1996) ratifica, mais uma vez, o interno.

(Entrevistado) “A prisão tem que ser um lugar horrível, para inibir que você venha a cometer qualquer delito. Péssimo, horrível, nojento, asqueroso. Para mim, o café da manhã desse pessoal tinha que ser barata”.

(Entrevistador) “As pessoas não podem ser submetidas a uma condição desumana por terem cometido um crime. O senhor defende a ilegalidade”.

### 3. Conclusão.

As estratégias arroladas (neste ensaio exemplificadas, pela exigüidade do tempo, em uma única entrevista) REPETEM-SE em interações similares que formam o *corpus* básico de nossa Pesquisa<sup>6</sup>. Em conseqüência, verifica-se realmente que o discurso mediático, retextualizado em matéria impressa, demonstra grande nível de imprecisão, caso se compare com o anteriormente declarado, na modalidade oral.

Essa imprecisão discursiva — nosso elemento lingüística observado — leva a um discurso que, colocado à venda nas bancas, reflete o situacional/ contextual em toda sua plenitude. O jornalista sabe o que o seu leitor quer ler, reitera o contrato comunicativo, “monta” um projeto de fala adequado. Afigura-se um EU-emissor que conhece um TU-destinatário, fornecendo-lhe o informe adequado: o jornal espelha seu leitor, o leitor é espelho do seu jornal. A mídia conquista, então, junto a seu auditório cativo, credibilidade e legitimidade — sua palavra não é questionada.

Na entrevista analisada, portanto, o editor, independente de qualquer posição política, “faz o seu trabalho”: costura discursivamente a identidade (repudiada

<sup>6</sup> “Tópico e argumentação em entrevistas da mídia impressa: o caso da imprecisão informacional”, subprojeto do Grupo CIAD/ UFRJ, biênio 1999-2000.



por seu público) de importante figura da Câmara Federal, representante metonímico de ideologia considerada conservadora, retrógrada. Que não se apercebe do povo, do humilde, do trabalhador, do necessitado. Que fala a palavra do rico, da mais-valia, da exploração. Que nega direitos humanos, defende a tortura, exalta o poder pelo poder. E, se obtiver espaço em revistas ou jornais — e “falar diferente”, podendo angariar inusitadas simpatias — deve-se manter e salvaguardar o que dele já se pensa, a imagem que já se construiu, a *face* que se quer (re)ver. Enfim, omitir, alterar e publicar serão recursos editoriais necessários. E bem vindos.

**RESUMO:** Comparação textual-discursiva entre entrevista oral/ gravada e seu correspondente escrito/ publicado. Verificação das três principais estratégias utilizadas para delineamento da face do entrevistado e do entrevistador/ órgão mediático (calcadas na dessemelhança/ imprecisão entre os dois documentos): o “silêncio”, o “pequeno reparo” e a “efetiva publicação”.

**PALAVRAS-CHAVE:** retextualização; face; contrato mediático.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Luiz. *Técnicas de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expresssion*. Paris: Hachette, 1992. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996
- GAVAZZI, Sigrid. *Fechamento de subtópicos em diálogos assimétricos*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995
- GOFFMAN, G. *Frame Analysis*. New York: Harper and Row, 1974
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: processos de retextualização*. Recife: 1995. Cópia mimeo.
- SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Redação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- SAMPAIO, Walter. *Jornalismo Audiovisual. Rádio, TV, Cinema*. Petrópolis: Vozes, 1971.